

Especial | Empresa & Comunidade

Trabalho Curso de construção de cisternas de alvenaria atrai mulheres e eleva a renda no interior do Ceará Pedreiras provêem água para o sertão

Lina de Albuquerque

Para o Valor, de Limoeiro do Norte

Maria do Socorro Rodrigues Gomes é pedreira. Mas quase ninguém acredita que isso seja verdade. Em Limoeiro do Norte, a 200 quilômetros de Fortaleza, no semi-árido cearense, até há pouco tempo não havia quem levasse a sério uma senhora de 56 anos, nove filhos e onze netos querendo conquistar um lugar numa profissão tipicamente masculina. Hoje, pelo menos nos arredores do sítio Congo, a comunidade onde ela vive, o seu novo ofício é reconhecido. Talvez por estar ligado à provisão de um dos recursos mais valiosos na região: a água.

Maria do Socorro não é uma pedreira qualquer. Ela começou nessa profissão há apenas um ano, depois de tomar conhecimento de um curso que ensinava a construir reservatórios que aproveitam a água das chuvas que escorrem pelas calhas das casas. Há muito tempo, os únicos poços disponíveis eram a céu aberto, um amontoado de baldes e tanques de alvenaria feitos para recolher a água que cai das calhas de carnaúba e enfeiam ainda mais a paisagem da seca.

Mas as novas cisternas, idealizadas pelo pedreiro Manoel Apolônio Carvalho, de Sergipe, são feitas de placas de cimento. Elas armazenam 16 mil litros de água, quantidade suficiente para abastecer uma família de cinco pessoas por um período de seis a oito meses.

A implantação deste recurso faz parte de projeto desenvolvido pela Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA), que reúne um conjunto de organizações não-governamentais empenhadas em buscar alternativas para amenizar um problema que atinge em torno de 11 milhões de pessoas que vivem nesta região.



As pedreiras de Limoeiro ganham em média R\$ 200,00 por cisterna, que armazena 16 mil litros, suficientes para abastecer uma família por seis meses

Ao ingressar na nova profissão, Maria do Socorro deparou-se com um ambiente hostil. No curso de cisternas, ela era a única mulher dentre 160 inscritos. Cada um dos reservatórios, montado com 37 placas, geralmente é construído por uma dupla de pedreiros. O trabalho leva três dias. Mas nenhum dos formandos queria trabalhar com Maria do Socorro. "Eles diziam que as mulheres trabalham devagar e não gostam de fazer esforço", conta a pedreira, que já foi agricultora e agente de saúde. "O que é uma bobagem, pois desde criança estamos acostumados a trabalhar pesado na roça."

O pioneirismo de Maria do Socorro acabou atraindo outras mulheres para o ramo. Ela continuou fazendo cisternas e um ano depois

tornou-se instrutora dos cursos de capacitação promovidos pela ASA. "Somos até mais detalhistas e não deixamos emendas nos acabamentos", diz a nova pedreira Maria Rosana Freire, de 25 anos, do município vizinho de Russas. Rosana também encontrou resistência para trabalhar. "Os vizinhos falavam em rodinhas que eu estava ficando metida a machão".

A discriminação muitas vezes partia de mulheres. "Muita gente ainda pensa que a cisterna feita por mulher não tem garantia de qualidade. Mas o preconceito está diminuindo", assegura. Rosana já participou da construção de nove cisternas e acabou aproveitando os conhecimentos para rebocar a casa em que vive com o marido e a filha.

O novo trabalho já representa

um complemento de renda significativo para as famílias da região. Cada cisterna construída rende aos pedreiros R\$ 200,00. A participação de mulheres em projetos deste tipo, segundo Francisco Valbernan Rabelo, coordenador do Programa de Formação e Mobilização para a Convivência com o Semi-árido, tem grande importância no combate às desigualdades das relações de gênero.

O semi-árido brasileiro é um dos ecossistemas rurais mais habitados do país. Ele abrange uma área de 912 mil quilômetros quadrados (onde caberiam juntas a Alemanha e a França), distribuídos em 11 Estados, dos quais os nove do Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas,

Sergipe e Bahia), além do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, e norte do Espírito Santo. A ASA pretendia construir um milhão de cisternas até o próximo ano. Longe de realizar essa meta, o programa até o momento implantou 105.238 cisternas. Mas ganhou apoios importantes, como da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) e do Ministério de Desenvolvimento Social.

A construção de cada uma dessas cisternas custa em torno de R\$ 1.200,00 — um valor mais alto do que muitas das casas de taipa que a recebem. Os moradores são instruídos a usar a água colhida a partir da terceira chuva e só depois de filtrada em potes. A agricultora Eunice Rodrigues, do Sítio Congo, respeitou apenas parte da orienta-

ção. "A saúde dos meus filhos melhorou depois da chegada da cisterna. Mas não tenho dinheiro para comprar o filtro", diz.

Já no começo do século havia um consenso de que as secas eram previsíveis. Ao tratar desses episódios, o escritor Euclides da Cunha relatava em 1915: "As secas do extremo Norte delatam a nossa imprevidência, embora sejam o único fato de toda a nossa vida nacional ao qual se possa aplicar o princípio da previsão". Uma das maiores consequências da seca é hoje igualmente previsível. Água contaminada é sinônimo de doença.

A escassez nos meses de seca obriga ao consumo de águas coletadas em rios distantes ou armazenadas em poços. Nas regiões mais pobres, essa água geralmente é contaminada por dejetos orgânicos que contêm parasitas intestinais. Eles são causadores de doenças como diarreia, desnutrição, anemia e até mesmo cólera. "Essas doenças têm maior impacto no desenvolvimento das crianças, porque levam a atrasos no crescimento e aprendizado. Nos adultos, pode favorecer uma predisposição ao cansaço crônico popularizado pela figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato", diz a médica da família Denise Corrêa dos Santos, que participou de projetos de saúde pública no sertão cearense.

A gravidade da situação constitui um problema de saúde pública. A construção de cisternas não é uma solução definitiva, assim como o abastecimento de água feito por carros-pipa, muitas vezes com motivações eleitoreiras, diz Francisco Valbernan, do Programa de Formação e Mobilização para a Convivência com o Semi-árido. "Não podemos mudar a natureza, mas criar formas de viver melhor com ela", afirma Valbernan.